



I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: *Linguagens e Leituras*
III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura
VII Encontro Local do PROLER
UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009

A DIALÉTICA METÁFORA CULTURAL CACAUEIRA: UMA LEITURA DAS MANIFESTAÇÕES IDENTITÁRIAS JORGEAMADIANAS EM *SÃO JORGE DOS ILHÉUS*

Juciene Silva de Sousa Nascimento – UEFS¹
cieneuefs@gmail.com

RESUMO: O estudo refere-se à análise textual da obra *São Jorge dos Ilhéus*, de Jorge Amado, na qual o autor tece um imaginário cacauero pujante, centrado na cultura do “ter”, demarcando, através das práticas sociais das personagens, como a produção cacauera influenciou no comportamento dos indivíduos inseridos na engrenagem de tal economia. Neste, é constatada a perspectiva de que o imaginário literário se pauta nas experiências vividas ou, possivelmente, vivenciadas pelo indivíduo, o que ratifica a ideia de que, embora os escritos jorgeamadianos tenham configurado a noção identitária sul-baiana, através das práticas econômicas locais, forjando costumes, comportamentos e práticas culturais que foram perpassados ao longo do tempo e universalmente, tais vivências sofreram uma mobilidade e, dialeticamente, vem deslocando o imaginário literário cacauero para um espaço mais contemporâneo, preocupando-se, agora, com o “ser”.

Palavras-chave: Imaginário. Cacauero. Cultura. Comportamentos. Identidade.

A obra *São Jorge dos Ilhéus* é considerada por muitos críticos uma das mais belas obras jorgeamadianas, uma vez que traz em suas páginas a (con)sequência das ações da trama de *Terras do Sem Fim*, romance também importante quando se trata do reconhecimento da formação da região Sul-baiana, terra conquistada pela força e coragem daqueles que desbravaram suas matas a fim de levar para lá as primeiras mudas do fruto que, posteriormente, seria conhecido como o fruto de ouro, fruto que provocaria inúmeras mortes, disputas, forjaria comportamentos e faria com que a ambição regesse a vida dos habitantes da terra.

¹ Licenciada em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC); Especialista em Metodologia do Ensino Superior (FAENE); Mestranda em Literatura e Diversidade Cultural (UEFS); Docente das disciplinas: Comunicação e Expressão, do Curso de Administração da Faculdade Adventista de Administração (FAAD), Leitura e Produção Textual, do curso de Pedagogia da Faculdade Adventista de Educação do Nordeste (FAENE) e de Gramática da Língua Portuguesa, do Instituto Adventista de Ensino do Nordeste (IAENE).

É inevitável perceber a forma como a narrativa de *São Jorge dos Ilhéus* é tecida pelo autor, a qual leva o leitor a ter a sensação de que também está visitando a história, de que está ali, na cidade de Ilhéus, acompanhando todos os movimentos das personagens típicas, inseridos na engrenagem da relação entre fazendas de cacau e cidade do cacau, nas angústias de cada tipo social, nos sonhos do trabalhador injustiçado, do comerciante ambicioso, do coronel absoluto, da mulher insatisfeita e, até mesmo, dos espertos “cáftens”. A rapidez com que as cenas se movimentam e se entrelaçam umas às outras dão a impressão do cotidiano de uma cidade que, apesar de suas dicotomias, aos poucos, conquistou bravamente seu lugar no universo, que guardou em suas ruas os segredos das angústias ali depositadas dos indivíduos que buscavam o “ser”. No entanto, muitas vezes, eram derrotados pela força do “ter” que da terra emanava com força devastadora, destruindo famílias inteiras, relações de longas datas, amores por tempos sonhados.

A narrativa, *a priori*, evidencia a sucessão das relações dicotômicas entre as duas histórias que propagam a saga da região, em que a própria epígrafe serve de indício de como a história será tratada e sob que perspectiva: “Terra de muita grandeza/ de muita miséria também...”. Aqui é retomada a forma rude como os coronéis se autointitularam *donos da terra*, na época dos “barulhos” pela posse e tomada terra, e como agora, trinta anos depois, desfrutaram de sua riqueza, na certeza de que o dinheiro jamais acabaria, ao passo que os menos favorecidos continuavam na mesma situação degradante e oprimida, tratados, ainda, como semiescravos nas roças do cacau.

No início do primeiro capítulo, semelhante ao de *Terra do Sem Fim*, no qual um navio traz indivíduos pobres e ricos separados por classe, a visão panorâmica, proporcionada pelo avião que trazia o personagem Carlos Zude de volta à cidade de Ilhéus, oferece ao leitor imagens reais de como a cidade cresceu pautada na disparidade entre pobres e ricos, entre o morro proletário e as avenidas ricas entre o rio e mar, de como a ênfase nos tipos sociais também mudaram, haja vista que, ao invés de tratar apenas de coroneis, jagunços, empregados, povoados e vilarejos, agora se põe em relevo a existência de inúmeros estrangeiros, comerciantes exportadores e indivíduos que para lá iam em busca da riqueza do cacau, os quais se misturavam com os da terra, mesclando também os costumes, as vivências, dando outras significações para a cultura local.

As novas perspectivas cidadinas trazem novos elementos que compõem a modernidade em que a região se inseriu, como a existência de táxis, aeroporto, carros de luxo, grandes mansões, entre outros, dando a noção de como a cidade mudou ao longo do tempo, levando o leitor a pensar que os costumes também mudaram, contudo tal ideia não se sustenta, ao presenciar as chamadas nas falas dos personagens que situam o leitor na realidade local quando falam: “Nem parece uma terra civilizada” (AMADO, 1999, p. 18), o que também servirá de indício e justificativa para determinados comportamentos ao longo da trama.

O lugar marcado pelas lutas sangrentas das posses das matas, pelo domínio da terra para o plantio dos ricos cacauais agora ganha prestígio pela riqueza que propunha aos seus habitantes. Segundo os relatos históricos:

No final do século XIX, quando o cacau já engrandecia a economia da região, a antiga vila-sede de São Jorge dos Ilhéus foi elevada à categoria de cidade – Ilhéus – por determinação da Assembléia Legislativa Provincial, em 28 de junho de 1881.

Ilhéus se torna uma cidade rica e orgulhosa, a “Princesa do Sul”. As casas dos coronéis erguidas nas avenidas à beira-mar são, na verdade, palacetes neoclássicos; um deles, era a cópia do Palácio do Catete,

antiga residência presidencial no Rio de Janeiro. (Secretaria da Cultura e Turismo, 2002, p.17)

É nesse contexto que a trama jorgeamadiana situa as ações de suas personagens. O capítulo I do livro é aberto com uma alusão aos registros históricos. No entanto, a ênfase é maior ao intitular Ilhéus como “A rainha do sul”, uma vez que sua importância era latente no mercado mundial, podendo ser percebido claramente o prestígio que a cidade conquistara frente às cidades mais importantes da nação brasileira, ganhado, até mesmo, uma linha aérea direta com a Bahia: “Mas os americanos vão botar agora um avião exclusivamente para o serviço entre Ilhéus e a Bahia. Duas viagens diárias...” (AMADO, 1999, p. 5). Pode-se notar, então, uma série de descrições sobre a engrenagem cidadina que ratificam o rápido crescimento e situa os acontecimentos numa linha temporal ao ser aludido constantemente a época das conquistas, como a presença do personagem Carlos Zude que levava adiante o trabalho árduo do conquistador Maximiliano Campos que dera início à casa exportadora que agora prosperava incessantemente.

A força da economia era tão pulsante que os lucros obtidos duplicavam a cada safra, dando margem à pujança exacerbada da economia e a gastos desnecessários. Em vista disso, a presença de inúmeros exportadores e comerciantes é inevitável, haja vista a necessidade da compra e venda do produto tão lucrativo. A partir disso, pode-se notar que a cultura local ganha nova proporção, uma vez que a produção passa de local para global:

- [...] O cacau vai subir como nunca subiu, como nunca ninguém imaginou, Ilhéus vai nadar em ouro... O senhor sabe qual a proporção do cacau mundial que sai de Ilhéus? [...]
- Chegou o tempo, seu Martins, do americano pagar o que agente pedir. O preço agora vai ser feito aqui, em Ilhéus, e não em Nova York... – Maximiliano sorria na fotografia. (Idem, p.9)

Nessa perspectiva, observa-se que o local se insere no global, provocando, com isso, inúmeras conversões nas vivências e costumes que alicerçavam a cultura local, sendo possível perceber que o indivíduo da região Sul- baiana está situado na concepção de cultura incorporada a partir da segunda metade do século XX que considera o homem como um *agente* histórico, se considerada a noção de que a cultura pode ser entendida como:

[...] produção e criação da linguagem, da religião, da sexualidade, dos instrumentos e das formas do trabalho, dos modos de habitação, do vestuário e da culinária, das expressões de lazer, da música, da dança, dos sistemas de relações sociais [...], das relações de poder, da guerra e da paz, da noção de vida e morte. A cultura passa a ser compreendida como o campo em que os sujeitos humanos elaboram símbolos e signos, instituem as práticas e os valores, definem para si próprios o possível e o impossível, a direção da linha do tempo (passado, presente, futuro), as diferenças no interior do espaço (a percepção do próximo e do distante, do grande e do pequeno, do visível e do invisível), os valores [...]. (CHAUÍ, 2007, p. 24)

Aqui está evidenciada de como a cultura regional é passiva de influências determinantes das ações dos indivíduos que dela fazem parte. Nessa perspectiva, pode-se considerar que a riqueza local reconfigura as experiências vividas, ou seja, a presença

dos exportadores, ingleses, judeus, americanos, sírios, entre outros na cidade de Ilhéus proporcionou uma mescla entre os costumes e os saberes dos habitantes. No entanto, a mudança de paradigma, de terra de coronéis para terra de exportadores, fazia com que os de fora sentissem a necessidade de criar raiz para, assim, se sentirem como os *donos da terra*. Todavia, a cidade ainda guardava muito da influência dos coronéis, dos costumes patriarcais, o que dificultava sobremaneira a tomada da força pelos comerciantes. Diante disso, surge a necessidade de os mesmos tomarem a terra dos seus legítimos donos, fato que trava uma luta entre potências locais.

É interessante notar como a economia cacauera tinha o poder de influenciar os que para aqui se reportavam, ainda que estando ali forçosamente, ou tendo outro ofício, como é o caso dos personagens Carlos Zude e do Capitão João Magalhães, este era um jogador profissional. No entanto, ao casar-se com Don'Ana Badaró, escolhe fincar seus pés nas terras do cacau e continuar preso pelo visgo:

O capitão se entregou definitivamente ao cacau. Agora era sua única preocupação. Nasceram os quatro filhos, um homem e três mulheres. [...]

Hoje João Magalhães vai alegre para a fazenda: tudo indica que o cacau vai subir e subir muito! Ele veio a Ilhéus vender sua safra desse ano. Mas viu as coisas, as ofertas de Martins, o gerente de Zude, e desistiu de vender. Havia entusiasmo demais, era sinal de que o cacau ia subir... Era melhor esperar. (AMADO, 1999, p. 24)

A economia local prendia a população movida pelo desejo infindável de obter mais e mais riquezas, não importando se em curto ou em longo prazo, já que a ilusão de que “o fruto de ouro” produzido pela terra jamais acabaria se mantinha latente nos sonhos de todos, do grande produtor ao empregado; os que eram de fora pensavam em tornar-se proprietários das terras, os que eram da terra pensavam em expandir suas posses e produções e os que não tinham terra alguma pensavam em trabalhar para consegui-la.

Diante disso, segundo Maria de Lourdes Netto Simões (1998, p.122), “a cultura do ter forjou comportamentos, valores invertidos. Cobiça, desmandos, elementos caracterizadores dos comportamentos de uma época, que foram ficcionalizados”, e é nessa perspectiva que Jorge Amado apresenta, além da vertente rica, a da miserável também, uma vez que seus propósitos ficcionais apresentam “o trabalho da prática e do pensamento críticos, trabalho encarado como reflexão acerca do sentido das ações sociais em direção à abertura para as transformações do existente” (SIDEL, 2007, p. 8), suscitando uma visão do discurso esquerdista ao sinalizar as injustiças locais, praticamente determinantes em uma terra tão rica, fica por assim dizer que na terra onde “o fruto de ouro” emanava da terra, para os trabalhadores só sobravam o visgo grudado em seus pés, o qual ao mesmo tempo que sinalizavam as suas condições, não permitia que fossem libertados, fato que fica evidente na onisciência narrativa ao divagar pelos pensamentos do personagem Sérgio Moura, poeta crítico, categorizado como pequeno-burguês que também refletia sobre a condição dos menos favorecidos:

Era bom conversar com Joaquim. E, pensando em Joaquim, pensou nos trabalhadores das fazendas. A alta para estes não adiantava nada. Era sempre a mesma vida miserável, que nenhum acontecimento conseguia mudar, nem o progresso da zona, nem a riqueza crescente dos coronéis. Um amigo de Joaquim trabalhara seis meses numa fazenda de cacau só para ver como era... Coragem... A alta não

adiantaria nada aos trabalhadores. Ia era aumentar os latifúndios, que diabo ganhariam os exportadores com ela, para forçarem assim? (AMADO, 1999, p. 46)

É constante a percepção da condição do trabalhador em *São Jorge dos Ilhéus*, sobretudo nas lutas inseridas nas personagens comunistas que tentam se organizar a fim de lograr melhores condições de vida para o menos favorecidos, além de tecer inúmeras críticas contra o capitalismo internacional que, inevitavelmente, se instaura no local, convertendo os hegemônicos coronéis e fazendeiros em vítimas da ambição imperialista. Estes, por sua vez, só o foram devido à grande ganância e ostentação da suposta infinita riqueza das suas produções. Assim, o discurso autoral jorgeamadiano lembra o que Michel Foucault denomina como influência discursiva do autor ao dizer que “o autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real” (FOUCAULT, 2009, p.28). Dessa forma, pode-se perceber que o engenho discursivo de uma obra tão propagada fez com que a cultura da referida região fosse conhecida como uma cultura de valores relativos.

É importante salientar que a formação cultural de uma região depende em muito dos produtos culturais que a ratificam, isso significa que tal localidade pode ser propagada a partir dos discursos formatados e estruturados através das experiências exteriores a eles que dialoga com outros e pode conquistar um espaço mais abrangente no que diz respeito ao lugar do regional no global, pois, segundo Durval Muniz de Albuquerque Júnior (1999):

O discurso regionalista não é emitido, a partir de uma região objetivamente exterior a si, é na sua própria locução que esta região é encenada, produzida e pressuposta. Ela é parte da topografia do discurso, de uma instituição. Todo discurso precisa medir e demarcar um espaço de onde se enuncia. Antes de inventar o regionalismo, as regiões são produtos deste discurso. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p.23/24)

Assim, pode-se sinalizar que neste breve estudo explora-se a temática do estabelecimento paulatino de uma nova forma de dizer e ler a região Sul-baiana, a qual abre novos caminhos para novas formas de sentir e conhecer tudo aquilo que, por vezes, o imaginário jorgeamadiano configurou, através de um possível discurso esquerdista, em traços identitários dotados de um determinismo ora camuflado ora abertamente evidenciado em falas dos personagens tipificados ou na sagacidade onisciente do narrador, como a diferença de visão sobre a terra entre ricos e pobres, em que os ricos a estimava como uma *terra boa*, que dela emanava o fruto que lhe valeria como ouro, ao passo que o pobre trabalhador a interpretava como uma *terra ruim*, onde trabalhadores dignos morriam sem depois ter nenhuma importância para aqueles a quem dedicaram a vida inteira: “Terra ruim, pensa o negro Florindo. É por isso que ele vai embora com o Varapau. Terra onde um homem morre estupefado e não tem quem reze na sentinela pela sua salvação.” (AMADO, 1999, p. 172). Fica, então, evidente que existe uma dicotomia de perspectivas quanto ao tratamento sentimental que justifica a estadia dos indivíduos na região, a qual em *Terras do sem fim* é interpretada como um lugar semelhante a um ‘elo perdido’ que todos para lá se destinavam em busca da realização dos grandes sonhos.

No terceiro capítulo de *São Jorge dos Ilhéus*, a trama articulada pela organização dos comerciantes da cidade retoma os costumes dos grandes ‘caxixes’ feitos pelos coronéis, uma vez que para ter de fato respeito e reconhecimento naquele local era preciso, de fato, serem os donos da terra; logo, surge a idéia do golpe perfeito, aludindo,

assim, que com as mudanças ocorridas pelo tempo a forma de se lutar em favor da posse das terras também mudaram. Contudo, paradoxalmente, os costumes eram os mesmos, os de saciar a voracidade da ambição:

Carlos se apaixonava por aquelas histórias, era a mesma sedução dos livros de Júlio Verne lidos na infância. Desde rapaizinho que a imagem das terras negras do cacau, rubras de sangue, ocupava um lugar na sua imaginação. Hoje sabia que o revólver e a repetição, o capanga e o incêndio, já não adiantavam para a conquista dessas terras. Não eram mais terras de ninguém, matas das assombrações, virgens do contacto humano. Agora eram roças de cacau, limitadas por cercas de arame farpado, registradas em cartórios, com títulos de posse da terra. Eram terras que tinham dono, coronéis ricos e poderosos, donos dos eleitores, das casas de Ilhéus, dos postos governamentais, das estradas de rodagem, dos automóveis de luxo. Eram os donos de Ilhéus, porque eram os donos da terra...

[...]

A terra... Sem ela nada adiantava, nem os grandes escritórios nem as grandes transações com Nova York e Berlim. Quem eram eles, exportadores Que era ela, Julieta tão diversa das mulheres dali? Eram adventícios, não tinham raízes, não estavam firmes na terra do cacau. Só a posse da terra os fazia senhores, definitivamente grapiúnas, donos de Ilhéus. (Idem, p. 159/161)

A alta dos preços do cacau no período de quatro anos, na narrativa, forjou comportamentos, costumes e ações nunca dantes vistos naquela terra, produzindo um escândalo atrás do outro, fazendo que homens e mulheres perdessem a cabeça, famílias perdessem a responsabilidade e o respeito, conflitando entre si, mulheres perdendo o pudor e outras vezes sendo abandonadas por seus maridos, extravagâncias de coroneis e de pequenos produtores, instaurando a ilusória sensação de eterna pujança, a qual pode ser interpretada como um dos traços culturais metafóricos da região na atualidade, uma vez que hoje a região encontra-se empobrecida, sobretudo depois das pragas que destruíram lavouras inteiras de cacau, forçando os latifúndios a mudarem de ramo.

As consequências dos gastos e a ignorância econômica dos indivíduos que lucraram com alta nos anos de pujança é latente na narrativa, podendo ser compreendidas como um presságio daquilo que brevemente aconteceria:

Houve, com a alta, uma febre de construção não só em Ilhéus, como em Itabuna, em Pirangi, em Palestina e em Guaraci, nas cidades e nos povoados. Terreno passou a valer uma fortuna, mais caro só mesmo no Rio de Janeiro. [...]

Os coronéis se encontraram, de repente, com maços de dinheiro na mão e não sabiam o que fazer dele. [...] Jogavam nos cabarés, roleta, bacará, campista, mas, como isso não bastasse, jogaram na Bolsa. Era um jogo excitante e eles jogaram muito, com aquela impávida coragem que sempre lhes fora característica e com uma impávida ignorância também. Não entendiam nada daquele jogo mas o encontraram digno deles e da época que atravessavam. (Idem, p. 192)

Em vista disso, o “pobre mundo rico” da região cacauera perde suas terras para os grandes representantes do capitalismo mundial, os exportadores estrangeiros, os quais não pensavam em considerar absolutamente nada nem ninguém que tinha conhecido e convivido, mas sim os grandes lucros que a posse, a produção e a

exportação do fruto de ouro lhes trariam, graças à força da sua ambição. Assim, a região passa aos novos *donos da terra*, que, movidos pelos mesmos ideais dos antigos donos, conquistam o seu espaço, dando lugar a novas formas de manifestações e costumes que mais adiante também irão fazer parte do círculo de representações da cultura local, a qual agora é passiva da possibilidade de uma relação dialógica entre as dicotomias que representam a pirâmide social Sul-baiana, sobretudo, quando a literatura perpassa pelos meios de comunicação de massa, tal vertente dialoga com Maria Elisa Cevasco (2003) ao dizer que:

Esse interesse pela cultura em geral e não exclusivamente pela cultura, por um lado, expandiu o campo dos estudos literários para abraçar formas correntes de significação, abrindo caminho para o esforço sempre necessário de potencializar o aspecto de conhecimento social da crítica cultural. Por outro lado, levaram muitas vezes à celebração do “popular” e da cultura de massas como inerentemente subversivos, mascarando o fato de que, de forma cada vez mais intensa, a lógica mercantil dos meios de comunicação de massa molda a produção cultural e invade todos os enclaves da vida. (CEVASCO, 2003, p.142)

Em suma, os traços culturais perpassados na literatura jorgeamadianas foram de grande importância para a configuração de um imaginário lendário que, até os dias de hoje, são acreditados como partes inerentes de uma identidade pautada na ambição e na pujança do ter, que, na contemporaneidade, encontram-se metaforizada nas práticas e costumes locais, as quais, ao longo do tempo, seguem sendo discutidas paralelamente com a relevância do reconhecimento do ser, a fim de lograr perspectivas que transcendem as dificuldades locais e encontrem a real sensação de ser representados através dos produtos culturais que simbolizem a sociedade.

Referências

- ALBUQUERQUE JR. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.
- AMADO, Jorge. **São Jorge dos Ilhéus**. 52ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**. Salvador: Secretaria de Cultura, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. [Trad. De Laura Fraga de Almeida Sampaio]. 18ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- SECRETARIA DA CULTURA E TURISMO. Superintendência de Desenvolvimento do Turismo. **Roteiros ecoturísticos da Bahia Costa do cacau**. 2ª ed. Salvador: A Secretaria, 2002.
- SIDEL, Roberto. Crítica cultural, crítica social e debate acadêmico e intelectual. *In: Anais do XI Encontro Regional da ABRALIC*. São Paulo: USP, 2007.
- SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. A ficção da Região Cacaueira baiana: questão identitária. *In: Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões*, nº 1 (1997-1998), Ilhéus: Editus, 1998, p.119-128.